

MUSEOLOGIA E COMUNICAÇÃO

Texto 2

Teresa AZEREDO PAIS

Sem ter a pretensão ou o objectivo de criar um texto original ou cientificamente elaborado sobre o tema "*Museus e Comunicações*", este trabalho constitui um instrumento de reflexão sobre questões levantadas, no âmbito da disciplina "A Função Social do Museu", do curso de pós-graduação em Museologia Social.

A escolha do tema deveu-se ao facto de considerar ser esta a questão principal e o maior desafio que se coloca aos museus na actualidade. Reflectir sobre ela, é em última análise, questionar, reavaliar todos os domínios, práticas e conceitos da actividade museológica.

Metodologicamente, este trabalho tem como ponto de partida a referência e análise dos dois documentos "*Resoluções adoptadas pela Mesa Redonda de Santiago do Chile*" e a "*Declaração de Caracas*", considerados dois marcos fundamentais na mudança que se pretende para os museus, e na génese de novas correntes e instituições museológicas.

Ambas tiveram como objectivo comum reflectir sobre a missão actual do Museu como um dos principais agentes do desenvolvimento de uma região ou comunidade.

Estes documentos revelam algumas interrogações e preocupações face ao evoluir da sociedade contemporânea, cada vez mais caracterizada por antagonismos e preconceitos de ordem política, económica, racial, cultural e religiosa.

A fome, a guerra, a destruição de vidas, cidades inteiras e consequentemente de todo um património, são algumas das imagens com que diariamente somos confrontados através dos meios de comunicação social.

O profundo desequilíbrio e desajustamento económico e tecnológico que separa as sociedades desenvolvidas dos países em vias de desenvolvimento, de que nos fala a declaração de Santiago, em 1972, torna-se hoje cada vez mais evidente.

Por tudo isto, torna-se necessário perguntar:

Como se posicionam os museus face a todos estes problemas?

Para que servem os Museus?

Querem os museus e os profissionais da museologia, ser responsáveis pela transmissão de ideias exactas, correctas, mas perfeitamente desenquadradas da realidade?

Eis algumas questões para as quais urge dar resposta.

Para uma melhor estruturação do trabalho, a abordagem do tema desenvolveu-se em três pontos:

- 1 - Da Mesa Redonda de Santiago à Declaração de Caracac
- 2 - Educação - Comunicação - Desenvolvimento

3 - Novas Referências Museológicas

**1 - DA MESA REDONDA DE SANTIAGO
À DECLARAÇÃO DE CARACAS**

Organizada sob os auspícios da Unesco, em 1972, realizou-se em Santiago do Chile uma "Mesa Redonda" consagrada ao papel dos museus na América Latina, que marcou ao nível regional uma viragem radical no domínio da museologia.

Esta reunião caracterizou-se pelo encontro de pessoas ligadas aos museus com especialistas de várias áreas das ciências naturais, sociais e aplicadas.

A aproximação e o estabelecimento de práticas interdisciplinares, único processo que convém à realidade contemporânea, conferiram a este encontro um carácter de seriedade e cientificidade.

Esta metodologia permitiu o desenvolvimento da ideia de que os museus têm uma missão social particularmente importante a desempenhar, e a formulação de uma definição de museu na sua globalidade, - o Museu Integral.

Considera-se que a "Mesa Redonda" de Santiago foi pioneira e reveladora de novas ideias, preocupações e sobretudo de novos posicionamentos do museu face à comunidade.

Analisados e identificados os profundos desajustamentos e a inadequação dos museus face à realidade sócio-económica e cultural da sociedade latino-americana, os participantes desta "Mesa", partiram para novos postulados museológicos, trilharam novos caminhos, marcando a diferença que aparece na concepção de Museu enquanto Instituição Cultural ao serviço de uma sociedade:

"Que le musée est une institution au service de la société dont il est partie intégrante et qu'il possède en lui-même les éléments que lui permettent de participer à la formation de la conscience des communautés qu'il sert; qu'il peut contribuer à entraîner les communautés dans l'action en situant leur activité dans un cadre historique qui permette d'éclairer les problèmes actuels, c'est-à-dire en rattachant le passé au présent, en s'engageant par rapport aux changements de structure, en cours et en provoquant d'autres changements à l'intérieur de leur réalité nationale respective."¹

Esta definição de Museu, que é aplicável em qualquer contexto, exigiu, ao nível regional, uma reavaliação e transformação do papel da instituição museal, bem como um agenciamento e equacionamento dos problemas e conceitos no âmbito da actividade museológica.

De instituições estáticas e distantes, principalmente dirigidas para a conservação e inventário científico de património artístico, natural ou edificado, alguns museus, já sob influência dos novos ventos soprados de Santiago do Chile, têm progressivamente realçado o

desafio que consiste em colocar esse património ou patrimónios ao serviço do desenvolvimento cultural contemporâneo.

Apesar desta abertura e consciencialização por parte dos museus e seus profissionais, a grande maioria vive ainda hoje, em função do passado, fazendo dele a sua razão de ser. Conservam, classificam e expõem as obras, que apenas reflectem áreas culturais muito restritas, sem grandes preocupações de as apresentarem no seu contexto histórico.

No decurso deste Encontro, depois de aceite que o museu se deve integrar e ser um agente privilegiado no desenvolvimento geral da sociedade, foi decidido inverter o sentido do "seu vector temporal", cujo ponto de partida se situa num momento qualquer do passado, mas cuja finalidade e objectivo é compreender o momento presente e perspectivar o futuro.

Pede-se assim, que os museus se "desamarrem" do passado e, como agentes potenciais de comunicação, desenvolvimento e prazer, se transformem em mensageiros de esperança, paz e criatividade.

É curioso notar que decorridos 20 anos sobre a realização da "Mesa Redonda" de Santiago do Chile muitas das suas resoluções, reafirmadas e desenvolvidas na Declaração de Caracas, realizada em 1992, mantêm-se fundamentalmente actuais e por aplicar na maioria dos museus.

Geradores de novas ideias, de novas correntes e sobretudo de novas situações museológicas (Ecomuseologia; Nova Museologia) que se manifestam em vários pontos do globo, comprovam o impacto destes dois encontros que extravazou as fronteiras do próprio continente latino-americano.

É visível a preocupação cada vez maior de colocar o Homem no centro da acção museológica e situá-lo num contexto global da sociedade.

Impõe-se aos museus e a outras instituições afins, um importante papel de mediar e divulgar a importância das implicações do conceito de Identidade Cultural, sobretudo ao nível de alguns países europeus, onde a diversidade étnica e religiosa fundada sobre patrimónios e "memórias" de diversas origens e diferentes contextos, originam frequentemente momentos graves de conflito.

É importante constatar que os museus podem e devem ajudar na formação e no reforço da personalidade duma nação, destacando aspectos do seu passado com vista à criação de uma unidade nacional.

Ao analisar a "Declaração de Caracas" e mais especificamente o capítulo referente a Museus e Comunicação constata-se que, para além das muitas considerações importantes, já manifestadas na "Mesa Redonda de Santiago," outras sobressaem pelo seu carácter inovador e pelo desafio que constituem à museologia actual;

"...que los museos no son sólo fuente de información o instrumentos de educación, sino espacios y medios de comunicacion que sirvan para establecer una interacción de la comunidad con el proceso y los productos culturales."²

"Que el proceso de comunicación no es unidireccional, sino un proceso interactivo, un diálogo permanente entre emisores y receptores, que contribuye el desarrollo y enriquecimiento mutuo, y evita la posibilidad de manipulación o imposición de valores y sistemas de cualquier tipo."³

Isto significa que os museus, como instituições de interesse público e patrimonial, devem estar abertos e disponibilizar os seus próprios espaços para a realização de outras experiências comunitárias, outros saberes, que não os que derivam das suas colecções e da sua própria natureza.

Que esta interacção só é autêntica se estabelecida, no quadro de uma ampla participação e responsabilidade dos "promotores" envolvidos no processo.

Que ela sugere novas perspectivas, novos equilíbrios, na forma de comunicar, através do diálogo e do intercâmbio conseguido entre a Instituição museal e a comunidade.

Estas questões, constituem, de facto, um desafio e apontam para uma total reconversão de valores tradicionalmente pré-concebidos na actividade museológica.

Não será muito arriscado concluir que o maior contributo da Mesa Redonda de Santiago e posteriormente da Declaração de Caracas, foi o alerta, a sensibilização dirigida aos museus e seus responsáveis, para a necessidade urgente de ajudar as populações a adquirir uma consciência social e política que se projecte no futuro de uma forma positiva.

2 - EDUCAÇÃO - COMUNICAÇÃO - DESENVOLVIMENTO

"Un jour, deux hommes faisaient un voyage en ballon lorsque une brusque tempête les fit dévier de leur route. Lorsqu'elle se calma, ils réalisèrent qu'ils étaient complètement perdus. Par chance, ils aperçurent un homme qui cheminait au-dessus d'eux. "Holà! crièrent-ils, où sommes-nous?" - "Vous êtes dans un ballon" répondit, du sol, la petite silhouette. Les deux hommes se regardèrent, et l'un dit : "Il doit s'agir d'un conservateur de musée" - "Qu'est-ce qui te fait dire cela ?" demanda l'autre. "C'est que l'information qu'il nous a donné est parfaitement exacte, mais totalement inutile!" (4)

Esta "história" reflecte bem a imagem e a realidade da maioria dos nossos museus.

No quadro diversificado de instituições culturais, cujas fronteiras se tornam cada vez mais indefinidas, os museus afirmam-se como lugares privilegiados para a preservação e representação da nossa "memória colectiva".

Esta afirmação não deixa de ser verdadeira. Mas, se prestarmos bem atenção, **O que vemos representado nos nossos museus ? Os museus transmitem uma imagem real, verdadeira, da diversidade cultural da nossa sociedade ? Que critérios são usados ?**

Obedecendo a uma longa tradição museográfica e a uma lógica herdada do passado, os museus, durante muito tempo, limitaram-se a preservar e "mostrar" objectos, vivências decorridas e realizadas em momentos passados da nossa história, não totalmente representativos de um povo na sua globalidade.

Só os objectos de grande valor artístico ou histórico e socialmente reconhecidos, é que se tornaram dignos de ascender à categoria de "obras de arte" e expostas num museu. A integridade do objecto constituía a sua principal preocupação.

Contudo, podemos afirmar que, presentemente, motivados por novas concepções e práticas museológicas, muitos museus apresentam já diferenças substanciais, na perspetivação de novas preocupações sociais.

É verdade que, no decorrer dos últimos anos, a pesquisa e a conservação se estenderam a uma multiplicidade de aspectos respeitantes aos diversos períodos da História, às várias categorias sociais, às diferentes actividades humanas. Assiste-se progressivamente a uma maior especialização por parte dos museus.

Por outro lado, a protecção do património cultural ultrapassa, hoje em dia, a própria competência dos museus.

O alargamento da noção de "património museal" e a complexidade de funções e responsabilidades sociais atribuídas aos museus, coloca grandes interrogações a todos os profissionais ligados à museologia.

Todas estas preocupações reportam-nos, de maneira evidente para a 16ª Conferência Geral do ICOM, realizada no Canadá, no decorrer do ano de 1992 e dedicada ao tema: **"Os Museus: Quais os seus limites? Onde começa e acaba a função e responsabilidade do Museu?"**

O que se pede aos museus é que saibam comunicar as diferentes experiências do passado em função de uma maior clarificação de situações presentes, e que se assumam como veículos de desenvolvimento das populações.

É este diálogo permanente entre passado, presente e futuro, ou seja, na compreensão global do processo histórico, que deverá constituir o fundamento da organização e a natureza do **"Novo Museu"**.

Os museus favorecem o passado em detrimento de realidades presentes e futuras, não apresentam uma imagem correcta da História, e negam o seu próprio dinamismo.

"La communication, avant même d'éducation, est maintenant considérée comme l'objectif primordial des musées. Est-ce aussi notre avis à nous, muséologues"(5)

A forma insistente com que se fala da missão ou serviços educativos, e num sentido mais amplo, do museu enquanto agente de comunicação, explica-se pela importância vital que estes aspectos vêm assumindo na vida dos museus, tidos para uns, como factores da sua própria sobrevivência, e para outros, como meios de expansão e prosperidade.

Acontece que os "serviços educativos", desajustados da própria realidade, raramente são sinónimos de comunicação, enquanto agentes potenciadores de diálogo.

"Le rôle éducatif du musée doit être repensé si l'on veut qu'il atteigne sa vraie dimension. Mais (et ceci constitue l'un des points les plus forts de mon approche du problème) cette transformation ne peut être réalisée par le service éducatif. Si elle n'est pas partie intégrante de la nouvelle approche de l'institution muséale dans sa totalité, rien de vraiment nouveau ne pourra advenir."(16)

Da necessidade da justificação da sua própria existência enquanto instituições culturais, no meio envolvente, e com responsabilidades perante a comunidade onde estão inseridos, os museus reorganizam-se e reestruturam-se na tentativa de captar novos públicos, suscitar novas emoções, assegurando assim, a sua continuidade.

No sentido de uma maior divulgação e democratização do acesso aos seus espaços, muitos são já os museus que empreendem e multiplicam as suas actividades culturais e lúdicas, que modificam ou constroem novas estruturas de apoio e maior conforto para os utilizadores, na tentativa de cumprirem e corresponderem às expectativas para que foram criados.

Contudo, a eficácia de uma política de comunicação e divulgação só resulta se corresponder realmente a uma mudança de mentalidade da própria instituição, se for fruto de um trabalho contínuo, realizado quotidianamente e conjuntamente com a população.

A gestão de uma instituição cultural, apostada na qualidade e desenvolvimento deverá estar permanentemente atenta e reflectir sobre as mudanças efectuadas no seu meio envolvente, e sobre os interesses do público a que destina.

Existem já algumas experiências realizadas por museus, que fazem apelo à "educação sensorial", recusando assim, um serviço educativo, tradicionalmente estruturado e realizado como prolongamento do ensino formal, de cariz racionalista como o praticado nas nossas escolas.

Para combater o "estigma" dos museus tradicionais, é necessário encetar novas formas de comunicar com o público, aceitando, em primeiro lugar, o seu desencantamento em relação às instituições museológicas, que durante muito tempo, se mantiveram ausentes e isolados das comunidades e dos seus problemas.

A imagem que o museu transmitia era a de um lugar sacralizado, onde se expunham objectos raros, preciosos, usando uma linguagem demasiadamente erudita e pouco acessível à maioria da população.

Não se pretende com isto dizer, que esses, objectos, deixem de ser importantes, enquanto representantes das correntes e produções artísticas nacionais ou internacionais, e até mesmo como veículos geradores de "encontros" puramente pessoais e estéticos, cujo fim é o prazer da contemplação da própria "obra de arte".

O que é importante salientar, é que, no entendimento da nova museologia, os fins, os objectivos, deixaram de se centrar nos objectos, para se colocarem ao serviço do Homem, enquanto membro activo de uma sociedade.

Os programas e as actividades do museu devem reflectir mais as preocupações e os interesses do público e do "não público", do que privilegiarem os próprios objectos.

O museu para comunicar, para conquistar novos utilizadores, tem de se tornar cúmplice na pesquisa, na identificação dos seus dilemas, frustrações, qualidades, ajudando a situá-las no decurso da sua própria experiência histórica, clarificando, ou se possível, respondendo à questão que todos nós procuramos: Quem somos nós?

É claro que temos que ser realistas e apercebermo-nos quanto é difícil para muitos museus, falar ou idealizar novas imagens, diversas formas de comunicar, enfim, de serem diferentes, sem ter em conta que o seu contexto exterior, ou seja, as fortes dependências administrativas, políticas e financeiras que tutelam a maioria destas instituições, continuam inalteráveis.

Esta situação agrava-se quando as próprias políticas culturais seguidas e estipuladas pelos governos, negam na prática e desvirtuam o próprio conceito de cultura, que não deve centrar-se exclusivamente sobre as artes ou a criação artística, mas sim ser o reflexo de tudo aquilo que nós fazemos e pensamos.

Aos museus é "permitido" transparecer e associar-se, de certa maneira, com ideias de democraticidade, inovação e desenvolvimento, mas desde que elas não ultrapassem a própria lógica e natureza do poder instituído.

3 - NOVAS REFERÊNCIAS MUSEOLÓGICAS

Os pressupostos teóricos em que assenta a nova museologia, centram-se no interesse das comunidades e na identificação dos seus problemas. Utilizam a museografia como instrumento privilegiado de comunicação e intervenção social.

Ao colocar à luz do dia, problemas e questões pertinentes e sucessivamente adiadas, a nova museologia, provocou ao nível da instituição museal tradicional graves interrogações e inquietações.

Considerada por alguns como um "heresia", a verdade é que esta se vem afirmando em alguns sectores do público, como um movimento capaz de corresponder à mudança necessária, a uma imagem renovada do museu, avaliada por novos condicionalismos sociais, culturais e económicos.

Ela propõe-se transformar radicalmente as finalidades do museu e da ciência museológica, e conseqüentemente, apela a uma profunda mudança de mentalidade e de atitude do "museólogo" ou do conservador.

São evidentes as diferenças que separam os dois conceitos de museu e do seu papel na sociedade contemporânea.

O museu tradicional, assente numa lógica de preservação e valorização dos objectos artísticos e circunscrito ao espaço físico de um edifício, vê com alguma dificuldade a aplicação destes novos princípios à prática museológica.

O programa museológico do novo museu preferencialmente voltado para as ideias e os problemas que quer transmitir, (Museus de Ideias, Museu de Problemas), adopta o conceito de "museu descentralizado", promove o alargamento da noção de objecto museal, defende a conservação "in situ" e a racionalização da gestão do museu.

O reconhecimento, por parte da nova museologia, de que o desenvolvimento dos museus se processa "fora dos grandes orçamentos estatais ou de ricas fundações privadas, e fora também de uma equipa técnica onnipotente, privilegiando o factor humano, relegando objecto para a condição de utensílio da acção museal e já não como fim dessa mesma acção"⁽⁷⁾, "subverteu" por completo a ideia tradicional da museologia e do museu.

A nova museologia reconhece ainda, que não há modelos exclusivos a seguir, mas que é junto das populações ou da comunidade que se deve procurar as soluções mais convenientes e ajustadas à realidade, tendo em vista um desenvolvimento harmonioso e global.

No IV Encontro Internacional da Nova Museologia, organizada pelo MINOM, realizada em Espanha, em 1987, Alpha Konaré, na qualidade de convidado, constata a necessidade da mudança e considera que: "le musée doit permettre à l'homme de travailler pour son propre développement social; le personnel du musée, en tant qu'animateur social, doit pouvoir bénéficier d'une structure administrative permettant une permutation des cadres afin de pouvoir rester à l'écoute des populations."⁽⁸⁾

No entender de Hugues de Varine (antigo director do ICOM) também presente neste Encontro, "l'exposition, seul véritable mode d'expression du musée, est un bon outil s'il est crée avec et pour celui qui doit s'en servir: la communauté qui doit inventer son propre développement, son propre musée".⁽⁹⁾

A introdução destes novos conceitos e a sua discussão nos organismos que tutelam a orientação da prática museológica actual, conduziu, à partida, a uma reflexão e uma reavaliação dos problemas que afectam o dia a dia dos museus.

Estas diferenças de atitudes que separam as duas correntes museológicas, constatadas a partir da realização da "Mesa Redonda" de Santiago e desenvolvidas desde então, não concorrem para a supressão dos chamados museus tradicionais, mas têm contribuído, isso sim, em muitos casos, para a modificação das relações tradicionais Museu/Público, propondo novas formas de comunicar e promovendo um maior sentido de responsabilidades sociais da instituição.

Numa tentativa de se adaptar aos novos postulados, vemos muitas vezes, os museus clássicos surgirem com uma nova terminologia, própria do novo museu (novo no sentido em que representa novos ideais), sem que isso signifique uma alteração substancial dos seus objectivos, das suas estruturas e das suas actividades.

Julgo ser pertinente aqui questionar, em que medida as grandes ou mesmo pequenas instituições museológicas, que se encontram fortemente dependentes e pressionadas por um sistema administrativo e financeiro, demasiadamente rígido, podem "sobreviver", quebrar o seu próprio "isolamento" e se adaptar a uma nova realidade.

Ao promover um novo processo de distribuição e participação comunitária das tarefas e responsabilidades na gestão e organização dos recursos culturais e patrimoniais, os novos mentores da museologia, preconizam uma maior aproximação desta a outras áreas científicas, nomeadamente a economia, pela existência de factores comuns entre estas duas disciplinas.

"(. . .) O aprofundamento das questões museológicas passará pelo reconhecimento da necessidade permanente de alargar o estudo da museologia ao mundo da economia. De certa forma, trata-se de retirar a museologia do gheto da cultura."⁽¹⁰⁾

Assim, a museologia deve beneficiar das experiências inovadoras que o mais recente pensamento económico transpôs para um novo tipo de empresa, de organização, que reconhece no indivíduo e nas suas capacidades de criatividade, o seu principal "capital".

Observar-se que são os próprios museus que não têm sabido adaptar-se às novas condicionantes políticas e sócio-culturais.

Falar de comunicação não faz muito sentido se a situação estratégica dos museus continua a mesma.

É necessário que os museus se mostrem interessados e preocupados pelos grandes problemas de desenvolvimento e da informação no mundo actual. Só assim a comunidade se identificará com o espaço/museu e com as suas actividades.

O museu deverá servir de catalizador de desenvolvimento programado pelos próprios governos, explicando quais os seus objectivos e participando nos seus próprios projectos de desenvolvimento, de maneira que estes se tornem melhor adaptados à sociedade presente e futura.

Muitas vezes os organismos de tutela, não querem ou não podem assegurar os mecanismos financeiros ou administrativos de forma a permitir que o museu cumpra com as suas responsabilidades. Necessário se torna a discussão pública destas questões.

Por outro lado, importa que as autoridades responsáveis reconheçam a gravidade da situação e manifestem vontade política para iniciar a mudança.

Isto é particularmente importante para as instituições (mais antigas), que, muitas vezes negligenciadas ou esquecidas e isoladas do meio ambiente, atestam com o seu silêncio, a sua própria "certidão de óbito".

Parece, à primeira vista, ser bem mais difícil "dar vida" a uma instituição clássica e ultrapassada, do que criar um novo museu.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) "Résolution adoptées par la Table ronde de Santiago du Chili", p. 199.
- (2) "Declaration de Caracas", "Museo y comunicacion" p. 6.
- (3) Idem, p. 7.
- (4) SOLA, Tomislav, "De l'Éducation à la Communication", in NOUVELLES DE L'ICOM, Vol. 40, nº 3/4, 1987, p. 5.
- (5) HUSHION, Nancy, "Les musées: y a t-il des limites?", in NOUVELLES DE L'ICOM, Vol. 45, nº 2, 1992, p. 17.
- (6) SOLA, Tomislav, "De l'Éducation à la Communication", in NOUVELLES DE L'ICOM, Vol. 40, nº 3/4, 1987, p. 6.
- (7) MOUTINHO, Mário, "O Papel da "Nova Museologia" ou "Museologia Social" na Sociedade Contemporânea", in O Lugar e o Papel das Ciências Sociais e Humanas na Modernização de Portugal Contemporâneo, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 1992, p. 61.
- (8) "Mouvement International pour une nouvelle muséologie" (MINOM), in NOUVELLES DE L'ICOM, Vol. 40, 3/4, 1987, p. 22.
- (9) Ibidem.
- (10) MOUTINHO, Mário, "O Papel da "Nova Museologia" ou "Museologia Social" na Sociedade Contemporânea", p. 12.

OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- "Musée et Communication", in MUSEUM, nº 141, 1984, p. 8/13.
- CAMARGO-MORO, Fernanda de, "De Nouvelles voies pour l'organization du musée", in MUSEUM, nº 153, 1987, p. 45/49.
- HUDSON, Keneth, "O Prémio do "Museu Europeu do Ano" como Indicador de Tendências", conferência integrada nas actividades da Comissão Nacional do ICOM, Museu Calouste Gulbenkian, 15 de Maio de 1990.
- MAYRAND, Pierre, "La nouvelle muséologie affirmée, in MUSEUM, nº 148, 1985, p. 199/201.
- MENSCH, Peter Van, "Muséologie et Musée", in NOUVELLES DE L'ICOM, Vol. 41, nº 3, 1988, p. 5/10.
- SOLA, Tomislav, "Concept et nature de la muséologie", in MUSEUM, nº 153, 1987, p. 45/49.